

## MODELO PARA ELABORAÇÃO E FORMATAÇÃO DO ARTIGO COMPLETO – (FONTE 14)

Raissa Maria Reis Costa<sup>1</sup>  
Islândia Josefa Ferreira de Sousa<sup>2</sup>  
Regiane Oliveira Rodrigues<sup>3</sup>

### RESUMO

A identidade racial é fundamental para a construção da autoestima e valorização dos indivíduos dos indivíduos pertencentes a determinados grupos étnicos raciais, sendo assim, a educação das relações étnicos – raciais desempenha um papel essencial no combate ao racismo e na valorização da diversidade, uma vez que busca desconstruir estereótipos, preconceitos e discriminações raciais, desenvolvendo uma consciência crítica e reflexiva nos indivíduos que engloba a inclusão de conteúdos relacionados à história, cultura e contribuições dos povos afrodescendentes, indígenas e de outras etnias marginalizadas nos currículos escolares, mas também como luta contra o racismo, as manifestações culturais e artísticas desses grupos. Ressalta – se que a identidade racial é uma construção social e individual, influenciada pelas interações sociais e pelas representações presentes na sociedade. Nesse sentido, esta pesquisa surge da necessidade de analisar a importância da educação das relações étnico – racial no processo de afirmação da identidade racial. Foi realizada a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, a partir de referenciais teóricos de autores Rocha (2011), Munanga (2005), Lima (2015), Gomes (2002), dentre outros teóricos fundamentais para uma abordagem mais completa do objeto de estudo. O estudo apresenta como resultado a necessidade de enfatizar a importância do desenvolvimento de currículos escolares inclusivos, da formação de educadores para lidar com questões relacionadas à diversidade e da implementação de políticas públicas na escola.

**Palavras-chave:** Educação Étnico – racial, Afirmação, Identidade.

### INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo fomentar reflexões e análises que possam contribuir para mudanças comportamentais diante da complexa questão da identidade racial. A história do povo preto no Brasil é profundamente marcada por desigualdades persistentes, cujas consequências são difíceis de serem superadas na sociedade contemporânea. O racismo estrutural, um problema latente no Brasil, muitas vezes leva crianças e jovens a negarem sua própria origem étnico-racial, ignorando a base da sociedade que foi construída com sofrimento por nossos

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, [raissamaria527@gmail.com](mailto:raissamaria527@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, [islandiajosefa@gmail.com](mailto:islandiajosefa@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora Orientadora: Mestre em Educação, Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, [regyanejc23@gmail.com](mailto:regyanejc23@gmail.com)

antepassados. Ao reafirmar a importância da inclusão e reconhecimento do povo negro como contribuinte fundamental para a construção da nossa sociedade, busca entender as diversas lutas enfrentadas do povo preto como seres que colaboraram para a construção social, pois os nossos ancestrais enfrentaram diversas lutas devido a sua cor.

Tendo como justificativa a análise da história da educação básica, uma vez que as crianças de origem afrodescendente enfrentam a falta de representatividade nos materiais didáticos e muitas vezes possuem um conhecimento limitado sobre suas próprias raízes culturais no contexto escolar. Nesse sentido, este estudo apresenta o potencial de enriquecer a compreensão dos fatores que influenciam a construção da raça e o processo de afirmação das minorias.

A pesquisa é de natureza bibliográfica, adotando uma abordagem qualitativa, baseada nos autores Gomes (2002), Munanga (2005), Rocha (2011), dentre outros. Seu propósito central é investigar a educação das relações étnico-raciais e sua influência no processo de afirmação da racial. Serão explorados diversos aspectos, incluindo as contribuições da comunidade negra para a construção da sociedade e da cultura, bem como os estigmas enfrentados, a carência de representatividade, a formação da identidade racial e o papel fundamental da escola como um ambiente integrador.

Desta forma, a construção identitária no processo de afirmação da identidade racial não é um processo individual e sim, coletivo. Então, a partir disso, é necessário fazer reflexões sobre o assunto que podem ser norteadas com base nos seguintes questionamentos: Quais as contribuições das relações étnico racial no processo de afirmação da identidade racial? E como as relações étnico raciais são percebidas no processo de afirmação de identidade racial no ambiente escolar?

Apesar da promulgação da Lei nº 10.639/03, que se tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, essa conquista foi resultado de intensa pressão por parte do Movimento Negro. Contudo, é evidente que os estudos sobre a história e cultura desse grupo ainda permaneceram superficiais e insuficientes tendo como consequência que crianças e jovens se sintam marginalizados e deficientes da importância de sua identidade racial. Além disso, a falta de representatividade adequada na escola retarda o processo de afirmação de sua identidade étnica racial.

A forma de educar com base nas relações étnico-raciais objetiva promover a reeducação das relações raciais emergindo as dores e medos que têm sido geradas pelos processos de

opressão existentes na sociedade. Nesse sentido, vale ressaltar a importância da educação das relações étnico raciais para combater o racismo e assim influenciar diretamente na construção racial e da autoestima da criança.

A escola desempenha um papel essencial na formação de indivíduos críticos e agentes de mudança na sociedade. Ela deve promover diálogos e adotar metodologias ativas, elementos cruciais para avançar no processo de promoção da identidade racial no ambiente escolar. Além disso, a escola desempenha um papel fundamental na construção e fortalecimento da identidade racial dos estudantes.

Portanto, é imperativo que a questão da identidade racial seja desenvolvida, debatida e esclarecida na escola, permitindo que os alunos se conheçam e se descubram, promovendo seu desenvolvimento pessoal, social e educacional. É importante destacar que a questão da identidade racial dos adolescentes no contexto escolar é um tema relevante que merece atenção e análise aprofundada.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa bibliográfica, pois visa analisar a educação das relações étnico raciais e sua influência no processo de afirmação da identidade racial. Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” para que outros acadêmicos tenham uma visão mais ampla e assim novas pesquisas a partir de outras realizadas pesquisas e assim surgir temáticas mais atualizadas.

Para tanto serão realizados levantamento e revisão bibliográficos de textos que abordam a luta do negro contra a escravidão, a contribuição do povo preto para o desenvolvimento do Brasil, a desigualdade social existente entre o povo brasileiro, especialmente brancos e pretos, a associação do negro com elementos ruins, a educação tendo um olhar voltado para as relações étnico raciais na tentativa de impedir atitudes racistas e preconceituosas (MUNANGA, 2005).

O estudo apresenta como abordagem a perspectiva qualitativa, pois promove a apropriação do conhecimento e da força de trabalho dos negros, analisando os estudos publicados desde a mitologia africana. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), uma pesquisa qualitativa adota uma perspectiva interpretativa do mundo, onde os pesquisadores exploram as

características em seus ambientes naturais, buscando compreendê-los através dos significados atribuídos pelas pessoas envolvidas

Tal abordagem é feita sobre os negros nos livros didáticos e na literatura, os eventos superficiais que tentam abordar a cultura e constituição do povo negro, a formação da identidade racial e a contribuição dos grupos para a construção da identidade negra, o papel da escola como ambiente integrador de novos grupos e que auxiliam no processo de inclusão (GOMES, 2002)

## **EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAL**

É importante ressaltar que a luta da comunidade negra no Brasil tem uma história que remonta à própria fundação do país, abandonando mais de três séculos de resistência contra a escravidão. Esse sistema de trabalho, caracterizado pela imposição de atividades laborais sem remuneração e pela presença constante de violência, deixa marcas profundas que perduram até os dias de hoje. Apesar dos avanços conquistados por meio de diversos protestos, ainda é possível identificar situações de marginalização enfrentadas pelos negros.

É um fato amplamente conhecido que o Brasil foi um dos primeiros países a adotar a escravidão e, contraditoriamente, o último a abolir essa prática, o que ocorreu em 1888. No entanto, é lamentável constatar que a mentalidade escravocrata persistiu mesmo após a abolição formal da escravidão. Diante desse contexto, é evidente que a tentativa de inferiorizar uma raça tem sido útil, em última instância, para ampliar a exploração e perpetuar uma ideologia de exploração racial.

A educação das relações étnico-raciais tem como objetivo primordial a desmontagem da ideologia racista. Nesse sentido, a inclusão do ensino da história e da cultura africana não se limita a mais um tópico no currículo escolar. Na verdade, representa uma transformação profunda nas práticas educacionais, um questionamento direto da estrutura de poder que perpetua as desigualdades sociais. Conforme estabelecido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, essa abordagem visa efetivamente mudar paradigmas e promover a igualdade racial, o objetivo desse plano é:

[...] o direito dos negros, assim como de todos cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por



professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos e povos indígenas. (BRASIL 200A p. 10 -11)

Neste sentido, a educação das relações étnico – raciais é primordial para que o povo preto possa adquirir seu espaço na sociedade de maneira que sofra discriminação, já que é seu direito frequentar os mais diversos espaços e assim os conflitos e as tensões que permeiam sejam desconstruídos, tornando a sociedade com menos disparidade social.

Ao incorporar a história e a cultura africana nos currículos escolares, essa abordagem pedagógica questiona as visões tradicionais de conhecimento e narrativa, capacitando os estudantes a apreciarem a riqueza e a diversidade das culturas africanas e sua influência na história global. Ao mesmo tempo, ela desafiou o domínio histórico de perspectivas eurocêntricas que frequentemente relegaram ou subestimaram as contribuições e vivências dos povos africanos e seus descendentes.

Sendo assim, a inserção da história e cultura africana nos currículos busca a mudança de visão sobre essa cultura, trazendo aspectos positivos uma vez que há deturpação da história, ampliando esse olhar, trazendo experiências, a diversidade cultural e as contribuições para a formação do país.

A sociedade contemporânea em que estamos inseridos é incrivelmente diversa, resultado de séculos de colonização e da presença de diversos grupos culturais que desenvolveram para a formação do país. O Brasil é um exemplo vivo de multiculturalismo, onde várias culturas coexistem de forma interligada. Qualquer tentativa de menosprezar ou subestimar uma cultura específica representa um obstáculo para o processo de autodescoberta e conhecimento das raízes culturais, podendo até mesmo interrompê-lo. Dessa forma, segundo Munanga (2005, p.18):

Se nossa sociedade é plural, étnica e culturalmente, desde os primórdios de sua invenção pela força colonial, só podemos construí-la democraticamente respeitando a diversidade do nosso povo, ou seja, as matrizes étnico-raciais que deram ao Brasil atual sua feição multicolor composta de índios, negros, orientais, brancos e mestiços. (Munanga, 2005, p.18)

Pensando nisto, a sociedade é uma composição de diversos grupos étnicos que influenciaram a cultura brasileira com características linguísticas e comportamentais específicas. Cada um desses grupos desempenhou um papel fundamental na formação dessa rica cultura do Brasil. É fundamental considerar e valorizar essa diversidade, uma vez que o Brasil, desde suas raízes, é uma nação moldada pela interação e fusão de diferentes grupos étnicos e sociais.

A escola desempenha um papel crucial como instituição formal para construir e expandir o conhecimento. No entanto, por muitos anos, negligenciou-se a ampliação desse conhecimento no que diz respeito à história da África. Foi preciso o envolvimento de diversos movimentos sociais para que esse conteúdo fosse finalmente incorporado ao currículo educacional brasileiro. Uma vez que a formação do cidadão tem início na escola, a omissão desse tipo de educação deixava os alunos negros sem o devido reconhecimento, uma vez que a história de seus antepassados não era retratada nos livros de história.

Contudo, o Movimento Negro teve um papel fundamental na luta para a inclusão da Lei 10.639/03, que estabelece as obrigações de incluir o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, deve ser aplicada em todas as esferas da educação. Ela foi criada com o propósito de fomentar a valorização e o reconhecimento das contribuições das comunidades afro-brasileiras e indígenas. Em outras palavras, a educação étnico-racial não se destina apenas às pessoas negras, mas a todos os cidadãos. Através desses estudos, o sentimento de pertencimento da comunidade negra pode ser fortalecido, e a inclusão de todos é fundamental, uma vez que ainda existem muitos estigmas em relação a essa cultura que precisa ser superada com respeito.

A lei 10.639/03 representa um passo significativo em relação a esse tema, pois a mudança começa na base, ou seja, nos primeiros anos de educação, ao incorporar esse tipo de conteúdo nos currículos escolares. Isso permite explorar as riquezas culturais, aprofundar o entendimento e destacar que essa não é uma questão exclusiva da comunidade negra, mas sim uma questão de toda a sociedade. Em 20 anos de existência, essa lei se tornou um marco histórico na luta contra o racismo no Brasil e desempenhou um papel fundamental no avanço das políticas educacionais e sociais do país.

Nesse contexto, o papel do professor é de extrema relevância, já que lhe cabe a responsabilidade de abordar as diversidades presentes na sala de aula. Portanto, é fundamental

que os educadores estejam preparados para compreender e administrar de maneira eficaz e transparente as contribuições dos alunos negros. Dessa forma, segundo Munanga (2005):

No entanto, alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional. (MUNANGA, p.15, 2005)

Isso pode ocorrer devido à falta de formação adequada ou à presença de preconceitos arraigados nos próprios professores. Muitas vezes, esses educadores não enxergam as situações de discriminação como valiosas oportunidades pedagógicas para abordar a diversidade com os alunos e conscientizá-los sobre sua relevância. Ao fazê-lo, eles têm a capacidade de auxiliar os alunos a compreenderem a riqueza cultural que avança da diversidade e como ela contribui para moldar a identidade nacional e cultural do país.

Essa abordagem pedagógica, que se concentra na história e cultura da África e dos Afro-Brasileiros, não tem como objetivo substituir ou negligenciar os conteúdos curriculares já instalados. Em vez disso, buscar enriquecer e transformar o ensino de maneira significativa. Como explicado por Rocha (2011), “Trabalhar pedagogicamente a história e cultura da África e dos Afro-Brasileiros não implica em abandonar as disciplinas escolares ou simplesmente adicionar essa temática a elas, mas sim em dar novos significados aos conteúdos escolares” (ROCHA, pág. 29, 2011). A ressignificação dos conteúdos escolares envolve compensar como esses conteúdos são apresentados e relacionados à realidade dos alunos.

## **IDENTIDADE RACIAL**

A identidade racial é um processo intrincado e multifacetado que não reflete apenas a autopercepção de um indivíduo, mas também é fortemente influenciada pelas interações sociais, contextos culturais e experiências de vida ao longo de sua trajetória. A construção da identidade é um processo em constante evolução que ocorre em diversos níveis, e a identidade étnico-racial representa uma de suas dimensões cruciais. De acordo com Gomes (2005):

Identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas

linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana. (Gomes, 2005 p. 41).

Diante disso, a identidade se revela como um conceito intrincado e em constante evolução, cujo desenvolvimento é moldado pelas interações com o ambiente e com outras pessoas. Não é algo inato, mas sim um "modo de ser" que está intrinsecamente ligado ao nosso relacionamento com o mundo e com os outros. Nossa identidade é profundamente influenciada pela cultura, pelo pertencimento aos grupos sociais, pelas práticas culturais, pelas relações interpessoais e pelas referências históricas. Ela constitui um aspecto fundamental da experiência humana, formando teias de conexões e influências que definem nossa essência e nosso modo de interagir com o mundo. A compreensão da complexidade da identidade desempenha um papel essencial na valorização da diversidade e na promoção de uma sociedade inclusiva.

No contexto da educação das relações étnico-raciais, compreender o desenvolvimento da identidade dos estudantes é crucial para promover uma abordagem pedagógica mais inclusiva e sensível às questões étnico-raciais.

A família desempenha um papel vital no processo de desenvolvimento da identidade racial das crianças. Desde os primeiros anos de vida, as interações familiares, os valores transmitidos e as experiências compartilhadas exercem uma influência profunda na formação da percepção de que as crianças têm de si mesmas e de sua identidade étnica ou racial. No entanto, à medida que elas chegam à idade escolar e têm o seu primeiro contato com a diversidade, muitas vezes se deparam com uma realidade desafiadora. A escola pode se tornar um ambiente onde persiste a discriminação racial, o que pode representar um choque de realidade para essas crianças. assim como explica Ribeiro (2019):

Desde cedo, pessoas negras são levadas a refletir sobre sua condição racial. O início da vida escolar foi para mim o divisor de águas: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. Até então, no convívio familiar, com meus pais e irmãos, eu não era questionada dessa forma, me sentia amada e não via nenhum problema comigo: tudo era "normal". "Neguinha do cabelo duro", "neguinha feia" foram alguns xingamentos que comecei a escutar. Ser diferente – o que quer dizer não branca – passou a ser apontado como um defeito. Comecei a ter questões de autoestima, fiquei mais introspectiva e cabisbaixa. Fui forçada a entender o que era racismo e a querer a me adaptar para passar despercebida. (RIBEIRO, p.10, 2019).



Relatos como esse são comuns para crianças que desde cedo são ensinadas que suas características não são aceitas na sociedade em que elas deveriam ser acolhidas, afetando na sua autoestima e fazendo com que elas se sintam inferiores em relações as outras.

A influência dos contextos sociais na vida de crianças e adolescentes negros é uma influência de grande relevância, com potencial para exercer um impacto profundo na formação de suas identidades. Esses ambientes, que incluem escola, grupos de amigos, mídia e outras interações sociais, são onde as oportunidades de comparação se tornam particularmente evidentes. A comparação é um processo natural pelo qual as crianças e adolescentes avaliam a si mesmos em relação aos outros, e essa avaliação pode se intensificar, sobretudo quando se trata de padrões de beleza, estilos de vida e práticas culturais. . Assim como afirma Gomes (2002):

A trajetória escolar aparece em todos os depoimentos como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético. O corpo surge, então, nesse contexto, como suporte da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone identitário.(GOMES, 2002).

Uma grande marca nesse processo de construção identitário é o cabelo “black power” que por muito tempo ele foi motivo de chacota, onde as crianças eram chamadas de “cabelo ruim”, “cabelo de bombril”. Algumas crianças só vêm aceitar seu cabelo depois de adulta e isso tem influência do meio em que ela está inserida por isso faz – se necessário ambiente que promovam a aceitação e valorização dos cabelos naturais desde a infância, uma vez que crianças afro tem em seus cabelos um símbolo de resistência e luta.

Dessa forma, é de suma importância compreender que a representatividade desempenha um papel crucial. É fundamental que as crianças negras tenham a chance de se enxergarem refletidas nos materiais didáticos, na equipe escolar e nas posições de liderança educacional. Essa representatividade não apenas inspira as crianças a buscarem seus objetivos acadêmicos, mas também promove uma compreensão mais profunda e respeitosa da diversidade em toda a comunidade escolar.

Outro motivo que é importante ressaltar é a falta de representatividade escolar desde a professora ao livro didático. Crianças negras não terão perspectiva de futuro promissor sendo que os cargos de níveis avançados são majoritariamente preenchidos por pessoas brancas. Sueli carneiro, quando escreveu o artigo Terra Nostra só pra italianos, traz à tona alguns diálogos:



Assistimos ao menino Tiziu reclamar de sua sorte ingrata com a seguinte frase: Deus não quis me embranquecer. Imagine o impacto dessas frases na autoestima da comunidade negra, especialmente sobre as crianças negras.

Esta visão ressalta o impacto negativo das mensagens e estereótipos raciais na autoestima da comunidade negra, especialmente nas crianças. Essas mensagens podem fortalecer ideias positivas sobre a beleza e o valor associado à pele mais clara, afetando a confiança e o bem-estar das crianças negras

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Discutir a cultura africana envolve explicar sua influência na cultura brasileira, destacar figuras históricas importantes, apresentar suas realizações e contribuições, bem como abordar aspectos como religião, entre outros feitos notáveis. Dessa forma, para que as crianças possam se afirmar e desenvolver uma identidade sólida, é crucial que elas conheçam suas origens, o que muitas vezes é negligenciado. A escola, como ambiente propício à transmissão de conhecimento, deve suprir essa lacuna, pois quando não o faz, a criança corre o risco de se desconectar de suas raízes, sofrer ataques de racismo e consequências que podem perdurar por toda a vida .

Infelizmente, em vez de ser um espaço de inclusão, muitas escolas inadvertidamente perpetuam atitudes racistas e preconceituosas, dificultando a promoção da diversidade. Portanto, em nosso contexto atual, é necessário abordar esse tema em todos os âmbitos da sociedade.

A partir desta discussão no âmbito escolar, é fundamental avaliar se o currículo escolar inclui conteúdos genuínos e aprofundados, de modo a possibilitar o ensino das relações étnico-sociais desde a infância, reconhecendo que ainda existem lacunas significativas nesse aspecto. O estudo desses elementos na escola é crucial para o desenvolvimento da consciência racial das crianças. Portanto, é vital considerar a importância da educação das relações étnico-raciais como um tema de relevância significativa que tem gerado extensos debates entre estudiosos contemporâneos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A promoção da educação sobre relações étnico-raciais é fundamental para realizar transformações na sociedade, pois ela não é importante apenas para pessoas pretas, é para a sociedade em geral, visto que vivemos em uma sociedade que o racismo é estrutural. Ao introduzir tais temas nas salas de aula, possibilitamos reflexões e alterações de comportamento, muitas vezes revelando percepções que anteriormente passavam despercebidas. Incentivar diálogos positivos sobre a importância do povo negro na formação das sociedades e suas valiosas contribuições é essencial. Isso gera um senso de pertencimento, uma vez que diversas tradições em nossa sociedade têm raízes negras que muitas vezes não recebem o devido reconhecimento.

O professor possui um papel de grande importância para que o alunado possa através de sua didática fazer reflexões e tome consciência de sua importância na luta para uma educação antirracista e que todos se privilegiem de uma inclusiva independente de sua cultura, visto que a escola é onde as diversidades culturais se faz mais presente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em:

[https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas\\_interdisciplinares/diretrizes\\_curriculares\\_nacionais\\_para\\_a\\_educacao\\_das\\_relacoes\\_etnico\\_raciais\\_e\\_para\\_o\\_ensino\\_de\\_historia\\_e\\_cultura\\_afro\\_brasileira\\_e\\_africana.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf) . Acesso em: 18 de setembro de 2023

CARNEIRO, Sueli. “TERRA NOSTRA” só para italianos, por Sueli Carneiro. Portal Geledés, 1999. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/terra-nostra-so-para-os-italianos/>. Acesso em: 18 de setembro de 2023.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, SP: Atlas, 2002

GOMES, N. L.. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 40–51, set. 2002.

\_\_\_\_\_. **Lei nº. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e “Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Não paginado. Disponível em:



<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 12 Setembro. 2023.

MUNANGA, Kabelenge. Apresentação. In: Munanga, Kabelenge(Org.) Superando o Racismo na Escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho, Educação das Relações Étnico – Raciais: Pensando Referenciais para a Organização da Prática Pedagógica. Belo Horizonte:Ed. Mazza edições, 2011